

MOUROS E CRISTÃOS NOS “NOVOS MUNDOS”: UMA ABORDAGEM DECOLONIAL DAS CELEBRAÇÕES DA (RE)CONQUISTA NAS AMÉRICAS, ÁFRICA E ÁSIA (SÉC. XVI-XX)

GREGORY RAMOS OLIVEIRA¹;
DANIELE GALLINDO GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – gramosoliv@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Desde o século XV, portugueses, castelhanos e aragoneses iniciam a prática de celebrações que evocam a derrota dos muçulmanos. À cavalo, em barcos ou à pé, os cristãos ibéricos representam, na submissão do *outro*, a vitória de um modelo unificador sobre toda a península. A derrocada dos *moriscos* e judeus na península não encerraria a prática que, gradualmente, se transformou em tradição. Além disso, Portugal, Castela e Aragão se transformariam, efetivamente, nas bases dos Impérios Coloniais que, entre os séculos XVI e XIX, subjugarão o continente americano, partes da África e Ásia. Para esses locais, através de jesuítas e conquistadores, as celebrações foram carregadas. Adaptando-se às especificidades locais, as *fiestas de moros y cristianos* foram encenadas do México ao Peru. Na América Lusitana, as principais manifestações análogas seriam as Cheganças, Congadas e Cavalhadas. Nas Filipinas, celebrações como o *Moro-Moro* seriam ressignificadas. Já o *Tchiloli*, de São Tomé e Príncipe, representaria a influência luso-brasílica na cultura local.

Neste trabalho, faremos uma análise destas celebrações, tendo por base a principal narrativa que teria influenciado este conjunto de tradições. Composta em 1525 por Nicolás de Piamonte, a *Historia del emperador Carlomagno y de los doce Pares de Francia* (2020) ofereceu o “cenário”, as “personagens” e o “drama” a ser representado nessas tradições. Destacaremos, em nosso trabalho, a importância do protagonismo dos “submetidos” pelas elites coloniais na preservação e modificação destas tradições. Para tanto, utilizaremos uma abordagem decolonial (GROSFUGUEL, 2009; MIGNOLO, 2005; NASCIMENTO, 2006) em nosso estudo para ressaltar o papel dos não-europeus na transformação dessas celebrações.

2. METODOLOGIA

Através do método analítico-comparativo, comparamos diferentes fontes analisadas neste trabalho, buscando elucidar o contexto de produção das narrativas que compõem as celebrações analisadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Releituras do Medievo: A recepção da Idade Média (*Mittelalterrezeption*) do século XIX ao XXI”, coordenado pela minha orientadora. Através da interpretação das recepções do medievo, que, segundo Rolf Köhn, podem ser definidas como “não somente percepção e representação da história, mas também discussão e apropriação ou rejeição, portanto, toda mediação e apresentação do passado” (1991, p. 409 apud SILVA;

ARAÚJO, 2014, p. 110), é possível perceber o processo pelo qual diferentes coletividades perceberam tal passado imaginado como o *seu* passado.

Se, na península, as celebrações estão atreladas a eventos próprios da vitória dos cristãos sobre os muçulmanos e, dessa forma, utilizam-se de tradições escritas em menor grau, nas áreas anexadas, a “Matéria da França”, principalmente através de Nicolás de Piamonte, serviu de base para os diversos *paratextos* (FERREIRA, 2016, p. 47) analisados nesse trabalho. Carlos Magno seria então uma personagem capaz de servir de base para a manutenção de um mito de uma sociedade unificada que relembra, seja no Brasil, Peru ou Filipinas, a *Guerra Santa de Conversão* (MEYER, 2001), conduzida pelas diferentes elites coloniais sobre as populações autóctones e escravizadas.

A identificação das diferentes especificidades entre cada tradição proporciona a distinção que aponta para o protagonismo das comunidades submetidas no processo de assimilação e preservação das diferentes tradições, que ocorre de forma independente e contínua desde a conquista. No México, por exemplo, após algumas décadas da primeira *fiesta de moros y cristianos*, comunidades afastadas simulariam o enfrentamento entre “mouros” e “cristãos”, substituindo seus inimigos simulados pelos Chichimecas (sem, entretanto, se interpretarem como “espanhóis”) (HARRIS, 2000). No Peru, a celebração conhecida como *Los doce pares de Carlomagno* tem, entre suas personagens, mulheres com roupas que fazem alusão ao tempo em que a região era parte do Tahuantinsuyo (CAJAVILCA NAVARRO, 2014, p. 162-165).

Na festa identificada como *Moro-Moro*, em Cebú, nas Filipinas, a luta entre mouros e cristãos era encenada desde o século XVII, subsequente a conquista pelos espanhóis. Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, com influência do nacionalismo filipino, a narrativa passa a representar a derrota do cristão Fernão de Magalhães diante da aliança entre Humabon, “mouro” convertido ao cristianismo e auxiliar do estrangeiro, e Lapu-Lapu, o herói nativo que não se deixou converter (BRIONES-CARSICRUZ, 2010). Em São Tomé e Príncipe se percebem duas naturezas de festividades, datadas do século XIX, influenciadas por luso-brasílicos e lusitanos, responsáveis pela transmissão da “Matéria da França” ao contexto local. *Auto de Floripes* representa diretamente passagens relacionadas à obra de Nicolás de Piamonte, além de demonstrar a luta maniqueísta entre o “bem coletivo” e o “mal muçulmano”. Já o *Tchiloli* é carregado de um componente moral, no qual Carloto, filho de Carlos Magno, é julgado e condenado a morte pelo pai, após o assassinato de Valdevinhos, filho do Marquês de Mântua (DUMAS, 2011).

No Brasil, tais querelas simuladas entre mouros e cristãos ocorrem desde o século XVI, na forma de Cavalhadas, Cheganças e Congadas, por exemplo. As Cavalhadas possuem ampla distribuição ao longo do território nacional, o suficiente para serem identificados dois “modelos” de Cavalhadas: o primeiro tipo, encontrado no Nordeste do país, possui um aspecto esportivo, inspirado principalmente por tradições equestres lusitanas; o segundo tipo, encontrado no Sul-Sudeste, possui elementos dramáticos, demonstrando a influência da literatura e da oralidade nessas tradições (BRANDÃO, 2001). Nas Cheganças, encontradas no Recôncavo baiano, Sergipe e Alagoas, a luta entre mouros e cristãos ocorre na costa. Aqui, como em outras tradições, os mouros desafiam seus rivais, através da troca de embaixadas, e são derrotados. Logo após, os prisioneiros dos cristãos abandonam sua fé (PELOSO, 2019). Tal contexto é repetido ao longo de praticamente todas as celebrações análogas, o que reflete o “mito de origem” idealizado pela elite colonial: a crença em uma sociedade unificada através da fé. Eis o motivo pelo qual os “filhos

de algo” nas várias localidades anexadas pelos ibéricos, buscavam repetir as celebrações europeias. Tais elites não contavam, entretanto, com a capacidade dos submetidos de assimilarem e adaptarem tais tradições com suas próprias memórias culturais e, assim, criarem versões “adaptadas” dessas tradições. Um dos casos mais emblemáticos estão nas Congadas. Influenciadas principalmente pelas culturas dos africanos escravizados, tal tradição, com mais antigo registro datando de 1654, evoca narrativas e personagens próprios do contexto anterior à escravização o que, aliado a tipos originários das celebrações ibero-americanas, tornou possível que Carlos Magno e o Reino do Congo dividissem a mesma celebração (FERREIRA, 2005).

A luta silenciosa dos “subalternos” contra a ordem estabelecida verticalmente ressalta um contexto não somente “pós-medieval”, o que contraria a concepção de elementos da academia de que tradições como as Cavalhadas são evidências de “raízes medievais” do Brasil (FRANCO JR, 2010), como a permanência da ferida colonial (MIGNOLO, 2005) distingue as tradições das sociedades dos territórios não-europeus anexados no processo de conquista das comunidades europeias que celebram festividades análogas. Tal diferença justifica o processo pelo qual as diferentes comunidades percebem as manifestações que elas preservam não como algo que as une à Europa, ou a um suposto passado medieval, mas como algo que às pertence. Destarte, os mitos idealizados pelas elites coloniais, legitimados pela distância temporal do passado representado (LÉVI-STRAUSS, 2008), somente se mantêm vivos (e, desta forma, preservam as tradições) enquanto tiverem relevância para as respectivas sociedades (BOUCHARD, 2017).

4. CONCLUSÕES

A análise de uma celebração que constitui parte do *corpus* de tradições brasileiras através de uma abordagem decolonial constitui uma tentativa de ruptura com os métodos que, anteriormente, interpretavam as manifestações culturais de sociedades outrora submetidas ao jugo colonial como coadjuvantes do processo de criação e preservação de tradições “europeias” fora da Europa. Os elementos dessas tradições, mesmo que baseados em passagens originárias da “Matéria da França”, foram recebidos, assimilados e preservados por aqueles que, pelo olhar dos colonizadores e seus descendentes, constituíam o *outro*. Por meio da observação dessas tradições, será possível reinterpretar o protagonismo dos “autores” dessas celebrações, e das estratégias que os *damnés* dos continentes anexados aos impérios coloniais ibéricos utilizaram para interpretar tradições exógenas como suas tradições.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOUCHARD, G. **Social Myths and Collective Imaginaries**. Traduzido para o inglês por Howard Scott. Toronto: University of Toronto Press, 2017.
- BRANDÃO, J. L. Prosa e verso na cavalhada do Rio Espera. **Manuscrita**, n.9, São Paulo, p. 209-255, 2001.
- BRIONNES-CARSICRUZ N. Contemporary portrayals of the “Moro” in folk dramatizations in Spain, Central America, and the Philippines. **Philippines Humanities Review**, University of the Philippines College of Arts and Letters, v. 11, n. 1-2, 2010.

CAJAVILCA NAVARRO, L. Ceremonias y teatro medieval en el Perú contemporáneo. **Investigaciones Sociales**, v. 18, n. 33, p. 155-166, 2014.

DUMAS, A. G. **Mouros e cristãos – caminhos, cenas, crenças e criações**: análise dos espetáculos de tradição carolíngia “Auto de Floripes” (Príncipe, São Tomé e Príncipe, África) e “Luta de Mouros e Cristãos” (Prado, Bahia, Brasil). 2011. Tese (Doutorado). Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia; École Doctorale de Lettres, Langues, Spectacles, Université Paris Ouest Nanterre La Défense.

FERREIRA, R. S. Origens da congada: controvérsias e convergências. **Unimontes Científica**, Montes Claros, v. 7, n.2., p.101-111, jul-dez. 2005.

FERREIRA, J. P. **Cavalaria em Cordel**: o Passo das Águas Mortas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

FRANCO JR, H. Raízes Medievais do Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.78, pp. 80-104, jul-ago 2008.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Periferia**, v. 1, n. 2, dez. 2009.

HARRIS, M. **Aztecs, Moors and Christians**: Festivals of Reconquest in Mexico and Spain. Austin: University of Texas Press. 2000.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Traduzido por Beatriz Perrone-Moisés. [S. l.]: Cosac Naify, 2008.

MEYER, M. **Caminhos do Imaginário no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MIGNOLO, W. On subalterns and Other agencies. **Postcolonial Studies**, v. 8, n. 4, p. 381-407, 2005.

NASCIMENTO, F. Estudos culturais e estudos descoloniais: diálogos e rupturas na construção de uma pesquisa de recepção. **Novos Olhares**, v. 7, n. 1, p. 80-87, 2006.

PELOSO, S. **Medievo no sertão**: tradição medieval europeia e arquétipos da literatura popular no Nordeste do Brasil [recurso eletrônico] Natal: EDUFRRN, 2019.

PIAMONTE, N. de. Historia de Carlo Magno y los Doce Pares de Francia. Texto preparado por Enrique Suárez Figaredo. **Lemir**, n. 24, 2020.

SILVA, D. G. G. e ARAUJO, V. C. D. de. Frederico I Barbarossa ou do Imperador que retornará: a recepção do Medievo em terras germânicas no longo século XIX. **Revista Signum**, v. 15, n.1, p. 109-135, 2014.